

8. Ajudar a não fugir

Para São Bento, a unidade em Cristo, em sua perfeição, nada mais é do que amor. Ele o descreve no final do capítulo 7 sobre a humildade:

"Tendo, por conseguinte, subido todos esses degraus da humildade, o monge atingirá logo [*mox*], aquela caridade de Deus [*ad caritatem Dei*], que, quando perfeita, afasta o temor; por meio dela tudo o que observava antes não sem medo começará a realizar sem nenhum labor, como que naturalmente, pelo costume, não mais por temor do inferno, mas por amor de Cristo [*amore Christi*], pelo próprio costume bom e pela deleitação das virtudes. Eis o que, no seu operário, já purificado dos vícios e pecados, se dignará o Senhor manifestar por meio do Espírito Santo." (RB 7,67-70).

A estabilidade na presença de Deus gera uma humanidade conformada à Trindade, movida pelo Amor Trinitário. O ápice da mística e da moral beneditinas é a unidade da pessoa na participação no Amor das Três Pessoas divinas, onde a relação de amor com o Pai e o Filho através do Espírito Santo define a consciência de si e de Deus, do que se faz e do que se é.

São Bento toma o cuidado de nos assegurar que se atinge "logo – *mox* " essa meta. Naturalmente, isso acontece depois de ter subido todos os graus de humildade, mas entendemos que Bento sabe que está lidando com pessoas apressadas, que têm dificuldade em se dedicar a um trabalho a longo prazo. Ele também tem essa preocupação no final do Prólogo: "Não fujas [*refugias*] logo, tomado de pavor, do caminho da salvação, que nunca se abre senão por estreito início. Mas, com o progresso da vida monástica e da fé, dilata-se o coração e com inenarrável doçura de amor é percorrido o caminho dos mandamentos de Deus." (RB Prol. 48-49)

Não podemos perdurar em caminho que nos leve tão alto, a esta conversão trinitária de toda a nossa pessoa, sem sermos apoiados pelo encorajamento paternal e fraterno que nos acompanha, por um acompanhamento que nos ensina a não ceder ao medo, a não fugir "do caminho da salvação". São Bento usa o verbo *refugere*, que parece dar a ideia de "fugir de novo", de fugir uma segunda vez. Sabe-se que para ele quem chega ao mosteiro é um filho perdido da parábola do filho pródigo que retorna à casa paterna (ver RB Prol. 2), para reaprender a ficar em casa, a tornar-se filho novamente, recuperando a consciência, talvez nunca realmente adquirida, da bondade do Pai que quer o seu bem, a plenitude de sua vida, sua alegria e sua liberdade de amar.

Deixar o mosteiro, o caminho da conversão que deveria ser proposto na vida monástica, é para cada monge ou monja uma segunda fuga, da qual será muito difícil retornar. Vós sabeis que São Bento concede três possibilidades de readmissão a esses monges instáveis (RB 29). Ele sabe que um caminho de estabilidade nem sempre começa facilmente para todos. Muitas vezes precisamos refazer a experiência da distância, a experiência de estar perdidos, para voltar com uma consciência mais aguda para a estabilidade que nos faz crescer interiormente na paciência.

Acho importante que os homens e mulheres de hoje valorizem essa capacidade de encorajamento, acompanhamento e paciência que São Bento nos testemunha. Mas entendamos que isso também nos pede uma conversão, para nós que moramos na casa do pai, talvez por muito tempo e que, como o irmão mais velho da parábola, talvez nunca tenhamos fugido (pelo menos exteriormente, mas quantas fugas podemos viver enquanto permanecemos fisicamente no mosteiro!). Sabemos realmente como garantir este encorajamento, essa ajuda paterna e materna e também fraterna àqueles que gostaríamos de ver vir e ficar para seguir conosco o caminho da salvação? Sabemos testemunhar que realmente se atinge "logo - *mox*" a experiência do amor de Deus que afasta o temor? E realmente damos testemunho dessa unificação trinitária da pessoa, por mais imperfeita e pobre que seja nesta terra, mas que São Bento nos atesta como extremamente real?

É verdade que os jovens de hoje são talvez mais instáveis do que os jovens de outras gerações. Seria fácil aplicar-lhes a definição de monges errantes: "*semper vagi et numquam stabiles, et propriis voluptatibus et gulae inlecebris servientes* - sempre vagando e nunca estáveis, escravos das próprias vontades e das seduções da gula" (RB 1,11). Mas prefiro a definição que São Bento dá do irmão excomungado, que deve ser consolado por "*seniores sapientes fratres*", por "irmãos anciãos e sábios" (RB 27,2): ele o chama de "*frater fluctuans* - irmão flutuante" (cf. 27,3). Flutuar, ser jogado na superfície da água, como um naufrago, é realmente uma imagem de instabilidade que é bem adequada para muitos jovens e também os menos jovens do nosso tempo. E muitas vezes é uma instabilidade inocente que eles não provocam ou escolhem para si mesmos, mas que encontram na vida de uma sociedade, numa cultura, numa mentalidade dominante que são "líquidas" e vacilantes, muito superficiais, e que não permitem se fixar, descer à terra, ou pelo menos jogar a âncora em algum lugar.

Mas é precisamente essa situação, essa condição, que torna a proposta de São Bento ainda mais atual, ainda mais urgente, ainda mais necessária para realmente consolar o homem de hoje. Ele diz que os *senpectae* devem "consolar em segredo - *secrete consolentur*" (27,3) ao irmão vacilante. De fato, o homem contemporâneo muitas vezes não percebe que precisa de consolação, no sentido etimológico do termo: que precisa de alguém para acompanhar sua solidão, que esteja com ele em seu isolamento, em sua autonomia destrutiva, em seu individualismo que sufoca nele a imagem de Deus que o chama ao dom de si, ao relacionamento fraterno, a encontrar sua vida perdendo-a para os outros.